

Bomba FH2

REINALDO GONÇALVES*

Boom! Explodiu a primeira bomba de efeito retardado criada pelo governo FH nos últimos três anos. Escolhas erradas de estratégia econômica e políticas equivocadas do governo provocaram a vulnerabilidade externa do país, que é a causa principal da crise. A culpa não é nem de Nova Iorque e muito menos de Hong Kong. Os responsáveis têm nome, endereço e CPF e são todos brasileiros, a começar por FH. Desde o início do governo alguns economistas (uma minoria, verdade seja dita) têm chamado atenção para a crescente vulnerabilidade externa da economia brasileira.

Os brasileiros já aprenderam que é na "versão 2" dos pacotes econômicos que se descobre quanto ruim era a "versão 1". Todos devem se lembrar do Cruzado 2, que enterrou Sarney, e do Collor 2, que enterrou o próprio. O pacote econômico já conhecido como Plano Real II não vai tirar o país da trajetória de instabilidade e crise causada por FH. Pelo contrário, o país vai se afundar ainda mais. O pacote é, principalmente, um arrocho fiscal e de contração de gastos. É a receita de livro-texto: numa situação de desequilíbrio externo, para não se desvalorizar o câmbio apela-se para a contração dos gastos. Esta solução trivial de modelitos macroeconômicos (mas, não por isto correta) não resolverá o problema, pelo contrário, agravará a já frágil saúde da economia brasileira e, além disto, reduzirá ainda mais a credibilidade do país junto à comunidade de investidores internacionais (de fundos de pensão a empresas transnacionais). Quem, além de especuladores, vai investir num país marcado pela instabilidade e pela recessão, e por medidas que evitam o enfrentamento do problema nas suas raízes?

As raízes da crise brasileira foram criadas por erros de escolha estratégica do governo. Desde 1994 o governo FH tem sido responsável por um triplô processo infecioso da economia brasileira, por meio da liberalização comercial, liberalização financeira e liberalização cambial. O Brasil é um país cuja história tem sido marcada por uma ampla e profunda inserção internacional e por governos conservadores

que adotam políticas erradas, pois no lugar de se beneficiar das oportunidades criadas pelas relações econômicas internacionais, o país acaba caindo de forma recorrente na armadilha da vulnerabilidade externa e das crises de balanço de pagamentos.

A vulnerabilidade brasileira deriva não da volatilidade do sistema financeiro internacional, mas de uma liberalização incompatível com a realidade do país. FH reforçou os erros de Collor e provocou problemas ainda mais graves com a liberalização comercial, que transformou uma história de mega-superávits na balança comercial numa tendência de mega déficits (para alegria de americanos e argentinos). A farra dos importados ocorreu há 50 anos, no governo Dutra, foi interrompida logo em seguida, e volta novamente no governo FH.

A liberalização financeira permitiu a entrada de capital internacional, com um custo elevadíssimo no que se refere tanto às taxas de retorno quanto à manutenção das reservas internacionais. Este capital não teve impacto positivo sobre o lado real da economia, tendo se concentrado nas bolsas e na "indústria" dos fundos de investimento. A liberalização cambial do país manifestou-se através de vários mecanismos, desde a valorização cambial, passando pelas contas CCS (que dão flexibilidade para entrada e saída de dólares, inclusive, lavagem de dólares), até as maiores facilidades para pagamento por tecnologia (que mascaram transferência de lucros para o exterior). O "liberou geral" da conta de serviços permite a um país de pobres e miseráveis que suas elites façam tratamento anti-rugas em Paris e check-up (físico e não o psicológico) em Cleveland.

Como se não bastasse o governo FH também cometeu erros graves no enfrentamento da crise. No dia 21 de outubro o presidente do Banco Central vangloriava-se de ter "dado uma rasteira" nos investidores internacionais que estavam tirando dinheiro do país, pois malandramente operou a mesa de câmbio do Banco Central de tal forma que no final do dia tinha comprado dólares a um preço menor do que tinha vendido de manhã. Dois dias depois, o ministro da Fazenda declarava fleumaticamente que "o Brasil não corre risco de

ataque especulativo". Mais um exemplo de erro do governo: a tentativa inicial (e fracassada) de evitar a crise com intervenções pontuais no mercado de câmbio, sem o recurso simultâneo a outros instrumentos, como a política monetária e os controle diretos. A reação do governo, por meio da alta brutal das taxas de juros e do arrocho fiscal, é a expressão do seu desespero. É provável que esse desespero reflita uma queda de reservas internacionais que já pode ser medida em dezenas de bilhões de dólares.

Os graves erros de política do governo FH derivam, em primeiro lugar, da própria escolha de estratégias erradas, em segundo lugar, de uma avaliação equivocada quanto às raízes da crise por ele mesmo provocada e, por fim, por um problema de excesso de autoconfiança que, geralmente, tende a ser fatal para tomadores de decisão. Por isto, a turma *bon chic, bon genre* do Planalto acaba "pisando na maionese".

Não tem sido por falta de alerta que o governo não mudou suas estratégias e políticas. Deve-se ressaltar que a crise cambial brasileira é, provavelmente, a bomba menos poderosa montada por FH. Conforme tem sido alertado, este governo está colocando o país em uma trajetória de instabilidade e crise visto que se acumulam bombas de efeito retardado, como a crescente desestabilização macroeconômica, o desmantelamento do aparelho produtivo, a degradação do tecido social e a deterioração político-institucional.

Com o Plano Real II o governo FH está simplesmente substituindo a "paranóia cambial" pela "paranóia fiscal". De paranóia em paranoia o povo brasileiro (e, até mesmo suas elites alienadas) pode terminar não no manicômio mas na beira do abismo.

Por fim, duas notas de otimismo. A primeira: as eleições de 1988 não estão tão longe; a segunda: quanto mais FH empurra a sociedade brasileira (pobres oprimidos, classe média em extinção e elites alienadas) para a beira do abismo, maior a probabilidade de ela reagir aos erros graves de política e de estratégia do governo.

* Professor titular de Economia da UFRJ e vice-presidente do Conselho Regional de Economia.